No presente número de "Arquivos", reúnem-se vários trabalhos que, de modo principal ou accessório, consideram o problema da medida em psicologia, particularmente nos domínios da aplicação. O primeiro dêsses trabalhos, sob o título "Precisão ou Utilidade?", de autoria do Professor Aroldo Rodrigues, Diretor do Instituto de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, expõe e analisa, nos melhores têrmos de síntese, as teorias de medida pelos testes, quando aplicadas à seleção. Dois outros artigos, de competentes psicólogas, Eva Nick e Maria Alice Amorim, tratam, respectivamente, dos recursos de avaliação na esfera das provas de aptidões e de níveis de ansiedade, pelo que projetam a questão nos domínios da orientação e da observação clínica. Ademais, em muitas das resenhas bibliográficas, resumem-se e comentam-se resultados de pesquisas, nas quais, de forma direta ou indireta, os problemas de precisão e de utilidade reaparecem. Entre essas, pode-se destacar a que, em serviços de seleção de motoristas de ônibus, realizou em São Paulo o Professor Walter de Andrade Cunha; o estudo comparativo de numerosas investigações sôbre provas de personalidade, elaborado por Robert Guion e Richard Gotties, segundo os resultados publicados em duas revistas de psicologia dos Estados Unidos por mais de dez anos; e, enfim, a que se refere a recentes investigações

sôbre maturidade profissional, efetuadas sob os auspícios do "Office of Education", do mesmo país.

Cada um dêsses trabalhos e todos, em conjunto, documentam quão vivo é o interêsse atual, não só pelas técnicas de medição, mas por suas bases lógicas, quer no plano teorético como no das aplicações. Como incisivamente ressalta o ilustre Professor Aroldo Rodrigues, a exigência de precisão é fundamental nos trabalhos de investigação pura. A ciência deve servir-se de linguagem precisa que, na quantificação, encontra indispensável recurso. Pelos resultados, assim expressos, torna-se possível contrastar hipóteses e interpretações, como destas voltar àquelas, num jôgo que incessantemente se renova. Mas, como já ponderava Decroly, a mensuração não é senão um artifício racional que utilizamos para análise de fatos e situações complexas, com inegáveis vantagens, mas também alguns riscos. Os números só possuem valor relativo, e conjuntos de números não constituem a psicologia, ou tôda a psicologia, ainda que já agora dêles não possam prescindir os estudiosos da matéria.

Deve-se levar em conta que a psicometria, nos casos de aplicação, não constitui um fim por si mesma, e que, assim, o decréscimo dos erros de medida por si mesmo não basta. Ter-se-á de verificar os préstimos dos instrumentos que se utilizem, segundo critérios prèviamente definidos, pois de outra forma não possuirão êles real significado. Donde, a teoria da utilidade, que não invalida, é certo, as condições de precisão, mas as submete a pressupostos de índole pragmática, nêles incluídos níveis críticos. Empregam-se, em qualquer dos casos, modelos estatísticos, de que o alcance prático é, afinal, servir a decisões prestantes. A construção de testes e escalas não se dá no vazio. Justifica-se quando se possa supor isomorfismo entre as propriedades de séries numéricas e as de operações empíricas de onde terão de provir aquelas primeiras. Mas para que satisfatòriamente uma e outras se empreguem, dever-se-á ter em mente o que se quer medir e para que se pretende medir.

Por bem ilustrarem essa maneira de ver, nos casos de aplicação, é de crer que os estudos publicados neste número de "Arquivos" possam oferecer matéria de útil reflexão a psicologistas, estudantes de psicologia e mais interessados. Aos trabalhadores em tal especialidade, em nosso país, já se devem valiosos estudos com o

emprêgo de recursos estatísticos. Tudo estará, agora, em que mais se difundam e se aprimorem, considerando, nos casos de aplicação, de par com a beleza das concepções abstratas, os préstimos reais que dos instrumentos de medida se possam colhêr.

LOURENÇO FILHO